Nos hospitais e subúrbios

“O Opus Dei nasceu nos hospitais e bairros pobres de Madrid, e eu sou testemunha disso, embora numa parte mínima”, afirma José Manuel Doménech de Ibarra.

15/06/2018

Foi abundante a atividade levada a cabo pelo Fundador do Opus Dei no Patronato de Doentes, nos subúrbios de Madri e depois no Hospital del Rey, no Hospital Geral, da Rua de

Santa Isabel, e no da Princesa, em S. Bernardo.

Precisamente em lugares tão miseráveis é que procurava riquezas: o tesouro da oração e da mortificação dos doentes. No dia de São José de 1975 dizia em Roma, aos membros da Obra: **Passou o tempo. Fui buscar fortaleza aos bairros mais pobres de Madri. Horas e horas, por toda a parte, todos os dias, a pé, de um lado para o outro, entre pobres envergonhados e pobres miseráveis que não tinham nada de nada; entre crianças com ranho até a boca, sujas, mas crianças, o que quer dizer almas agradáveis a Deus. (...) Foram muitas horas gastas naquele trabalho, mas tenho pena de que não tenham sido mais. E nos hospitais, e nas casas onde havia doentes, alguns com uma doença que então era incurável, a tuberculose.**

Escutavam-no em silêncio mais de cem pessoas. Falava em voz baixa como quem abre o coração na presença de Deus:

De modo que foi a esses sítios que fui buscar os meios para fazer a Obra de Deus. Entretanto, trabalhava e formava os primeiros que tinha ao meu redor. Havia representantes de tudo: havia universitários, operários, pequenos empresários, artistas…

Foram anos intensos em que o Opus Dei crescia para dentro sem chamar a atenção. Mas quis afirmar-vos – um dia, mais tarde, contar-vo-lo-ão com mais pormenores, com documentos e papéis – que a fortaleza humana da Obra foram os doentes dos hospitais de Madri, os mais miseráveis; os que viviam em suas casas, perdida já a última esperança humana; os mais

ignorantes daqueles bairros extremos.

No dia 2 de Julho de 1974, no Colégio Tabancura, de Santiago do Chile, pediram-lhe para explicar por que razão dizia que **o tesouro do Opus Dei são os doentes…** E então, devagar, como que saboreando as suas recordações, Monsenhor Escrivá falou de um sacerdote que tinha só vinte e seis anos, a graça de Deus e bom humor, mais nada. Não possuía virtudes nem dinheiro. E tinha de fazer o Opus Dei… **E sabes como é que pôde?** Perguntava.

Nos hospitais. Aquele Hospital Geral de Madri carregado de doentes, paupérrimos, com muitos deitados pelos corredores porque não havia camas… Aquele Hospital del Rey, onde só havia tuberculosos, e naquela altura a tuberculose não tinha cura… Foram essas as armas para vencer!

Foi o tesouro para pagar! Foi essa a força que nos levou para frente! (...) E o Senhor levou-nos por todo o mundo, e estamos na Europa, na Ásia, na África, na América e na Oceania, graças aos doentes que são um tesouro...

Poucos meses depois, a 19 de Fevereiro de 1975, em Ciudad Vieja (Guatemala), voltariam à sua mente aqueles anos em que contou **com toda a artilharia de muitos hospitais de Madri:**

Eu pedia-lhes que oferecessem aquelas dores, as suas horas de cama, a sua solidão (alguns estavam muito sós); que oferecessem ao Senhor tudo aquilo pelo trabalho que fazíamos com gente nova.

Ensinava-lhes assim a descobrir a alegria do sofrimento, porque participavam da Cruz de Jesus Cristo e serviam para algo grande e divino.

O Fundador do Opus Dei encontrava neles autêntico motivo de fortaleza, segurança de que o Senhor levaria a Obra para frente **apesar dos homens,** apesar de mim mesmo, que sou um pobre homem.

Desde então, a catequese nos bairros mais pobres e as visitas aos doentes e desamparados passaram a ser os meios habituais para impulsionar o apostolado que o Opus Dei faz entre a gente jovem de todo o mundo.

Também em Lisboa, em Novembro de 1972, se referiu ao sentido cristão da dor:

Hás-de encontrar-te também com a dor física e serás feliz nesse sofrimento. Falaste-me do Caminho. Não sei de cor, mas há uma frase que diz: bendita seja a dor; santificada seja a dor, glorificada seja a dor. Lembras-te? Isso o escrevi eu num hospital, à cabeceira de uma moribunda a

quem acabava de administrar a Extrema-Unção. Invejava-a muitíssimo! Aquela mulher tinha tido uma posição econômica e social muito boa, e estava ali no catre dum hospital, moribunda e só, com a única companhia que eu lhe podia fazer naqueles momentos que precederam a sua morte. E ela repetia - feliz! - saboreando as palavras: Bendita seja a dor **(tinha todas as dores morais e físicas)**, amada seja a dor, santificada seja a dor, glorificada seja a dor! **O sofrimento é uma prova de que se sabe amar, de que se tem coração.**

Jenaro Lázaro soube em 1930 que o Padre, além do trabalho que fazia nos hospitais, atendia vários grupos de catequese. Não localiza os nomes exatos dos bairros, mas lembra-se de que ia muito a Vallecas. Entretanto, já muitas coisas tinham mudado. No salão de atos de Tajamar, obra

apostólica promovida pelo Opus Dei, o seu Fundador recordou que, quando tinha vinte e cinco anos, **vinha muitas vezes a estes descampados enxugar lágrimas, ajudar os que precisavam de ajuda, tratar com carinho as crianças, os velhos, os doentes; e recebia muita correspondência de afeto… E uma que outra pedrada.**

E continuava referindo-se a Tajamar: **Hoje isto é para mim um sonho, um sonho bendito, que vivo em tantos bairros extremos de grandes cidades, onde tratamos as pessoas com carinho, olhando-as nos olhos, de frente, porque somos todos iguais (…). Sou um pecador que ama Jesus Cristo com todas as forças da alma; sinto-me feliz, embora não me faltem sofrimentos, porque neste mundo há-de acompanhar-nos sempre a dor. Quero que ameis Jesus Cristo, que O conheçais, que sejais felizes**

como eu; não é difícil conseguir essa intimidade. Diante de Deus, como homens, como criaturas, somos todos iguais.

Do livro *Mons. Josemaria Escrivá de Balaguer: Apontamentos sobre a vida do fundador do Opus Dei,* de Salvador Bernal

pdf | Documento gerado automaticamente de https://opusdei.org/pt-br/article/nos-hospitais-e-suburbios/ (10/12/2025)